

Fundamentos de arte para o educador físico

Armando J. C. Bezerra,
Jordano P. Araujo,
Ricardo F. A. Bezerra

RESUMO: Esta pesquisa está centrada no fato de serem imprescindíveis os conhecimentos sobre artes visuais, no que concerne a formação intelectual dos educadores físicos. Com rigor científico foram rastreados, através da iconografia universal, os relevos, esculturas e pinturas mais marcantes expostos nos principais museus do mundo. Estamos convencidos da importância das relações interdisciplinares em uma universidade. Tão importante quanto saber tudo de uma só coisa é saber um pouco de cada coisa.

ABSTRACT: This research is centered on the fact that the knowledge of visual arts is essential to what concerns the intellectual formation of the Physical Education Teachers. The most prominent landscape, sculptures and paintings exposed in the main museums on the world, were tracked by the universal iconography were considered scientific rigor. We are convinced of the importance of an interdisciplinary relationship in the university. As important as knowing everything about something, is to know a little of each thing.

A arte embevece a alma. Como se apenas isso não bastasse, o mercado exige cada vez mais um educador físico que também seja culto nos conhecimentos da área humanística. As academias passaram a ser frequentadas por uma clientela de classe social elevada, viajada, que faz cursos no exterior e que frequenta museus e galerias de arte, por opção ou por estarem incluídos em roteiros turísticos.

O trabalho como personal trainer também requer do educador físico um razoável conhecimento de pintura e escultura, haja vista que em muitas residências e escritórios a serem frequentados, obras de arte estarão fazendo parte da decoração ambiente. Some-se a tudo isso o fato de que pinturas e esculturas de corpos humanos são verdadeiros laboratórios para aulas práticas sobre miologia e anatomia de superfície.

No período entre a Pré-História e a Idade Média (25.000 a.C.-1400 d.C.), o relevo destacava-se como forma usual de arte. É interessante atentar para o fato de que as figuras humanas pintadas ou esculpidas pelos egípcios apresentavam quase sempre a cabeça em norma lateral. Apesar da cabeça ser mostrada de perfil, o olho era representado como se a face estivesse sendo vista de frente. A cintura escapular e as mamas eram representações frontais, ao passo que os membros eram esculpidos de lado.

Um dos relevos egípcios mais famosos mostra o faraó Akhenaton e a rainha Nefertiti dando banho de sol em algumas crianças (1360 a.C.), muito provavelmente já com o intuito de prevenir o raquitismo.

Na Grécia a pintura em cerâmica esteve na moda por volta do ano 500 a.C. É por demais conhecida a pintura em vaso de cerâmica, do tipo figura em vermelho, retratando Aquiles, o maior guerreiro grego, fazendo um curativo no braço do seu amigo Patroclo, em plena Guerra de Tróia.

Aquiles, ao ser parcialmente mergulhado no lago sagrado, por ocasião do seu batismo, ficou com os tornozelos não bentos e portanto vulneráveis. Justamente aí, foi ferido e posto fora de combate na luta contra os troianos. Posteriormente, em alusão ao poema épico *Iliada*, de Homero, o tendão calcâneo passou a ser chamado tendão de Aquiles.

Em Roma a arte mereceu destaque sob as formas de mosaicos e esculturas variadas.

Na Idade Média (400-1400 d.C.) a arte foi vista sob a forma de mosaicos, sobretudo os dourados bizantinos, de iluminuras ou manuscritos iluminados, e de afrescos.

Simone Martini, com a “Anunciação”, e Giotto, com “A ressurreição de Lázaro” foram os grandes pintores do período.

Durante o Pré-Renascimento ou período Gótico Tardio (1400-1500), vários pintores italianos se destacaram, dentre eles Masaccio, Mantegna, Donatello, Verrocchio (o professor de pintura de Leonardo da Vinci), Sandro Botticelli, Bellini e Domenico Ghirlandaio.

Andrea Mantegna destacou-se ao pintar “O Cristo morto” e “A circuncisão”. Em ambos os quadros o ponto alto ficou por conta do show de perspectiva. Registre-se que Mantegna é considerado o mestre da perspectiva. Donatello esculpiu o “David” adolescente. Obviamente tem graça mas não tem a grandeza do David de Michelangelo, exposto na Academia, em Florença.

Sandro Botticelli pintou o “Nascimento de Vênus” como a prenunciar o nascimento do Renascimento. O florentino Ghirlandaio pintou Francesco Sassetti, portador de um rinofirma, sendo visualmente examinado por seu neto. Esta pintura (“Velho e menino”) ocupa hoje lugar de destaque no museu do Louvre, em Paris.

Nos Países Baixos foram famosos Robert Campin, também conhecido como Mestre de Flémalle, e Rogier van der Weyden. O primeiro pintou provavelmente a única cena da natividade na qual está presente a parteira Salomé, trazida por São José para fazer o parto da Virgem Maria. O último dramatiza a cena da descida do Cristo da cruz com a Virgem Maria tendo uma lipotímia (desmaio).

A Renascença, ou Alto Renascimento (1500-1520) foi, como sugere a denominação, o momento mágico do Renascimento. Este período representa a retomada da arte maravilhosa da antiguidade clássica após as trevas da retrógrada Idade Média.

Na Renascença italiana os destaques são Leonardo, Michelangelo, Rafael, Tiziano e Bramante. São marcas do Alto Renascimento nos Países Baixos os artistas van Eyck, Bosch e Brueghel. Holbein, Dürer, Mathias Grünewald e Lucas Cranach (o Velho) são os referenciais do Renascimento alemão.

A gravura “As proporções do corpo humano, segundo Vitruvius”, de Leonardo da Vinci, somente é superada em fama pela jovem “Mona Lisa”, pintada no frescor dos seus 24 anos de idade. A “Pietà”, de Michelangelo Buonarroti, esculpida em mármore de Carrara, encanta por seu artifício anatômico de tornar a Virgem uma pessoa de estatura maior do que o Cristo morto. Outra Pietá famosa é a de Tiziano Vecellio, o maior pintor de Veneza. Foi pintada materializando um pedido deste artista a Deus pela salvação do seu filho Orazio que estava morrendo de peste bubônica.

Independente do valor artístico do pedido, a graça não foi alcançada e tanto Tiziano quanto seu filho morreram vitimados pela devastadora epidemia.

Jan van Eyck foi o maior pintor flamengo tendo marcado sua passagem neste mundo ao pintar Eva no “Retábulo de Ghent”, na Bélgica. Albrecht Dürer produziu mais gravuras que pinturas. É famoso seu auto-retrato ilustrando uma carta consulta endereçada ao seu médico clínico geral.

Entretanto, foi Mathias Grünewald a estrela maior dentre os pintores do Renascimento alemão. Pintou o dramático Cristo morto no “Retábulo de Isenheim”.

No Maneirismo ou Renascimento Tardio (1520-1600) destacaram-se Bronzino, Parmigiano, Cellini, Tintoretto, Correggio e El Greco (Domenicos Theotocopoulos). Este último, mais por ter astigmatismo do que por ser maneísta, pintava figuras extremamente longilíneas, ou seja, bastante distorcidas no eixo vertical. São destaques deste pintor “A crucificação” e “A Santíssima Trindade”.

O Barroco (1600-1750) foi um estilo bastante disseminado na Europa. Enquanto na Itália se destacaram Caravaggio, Carracci e Bernini, na Inglaterra o sucesso ficava por conta das obras de Hogart, Gainsborough e Reynolds. O Barroco flamengo, de Rubens e van Dyck, e o Barroco holandês de Rembrandt, Hals, Leyster e Vermeer, foram marcantes. Destes, o ponto alto foi Rembrandt van Rijn com “A Lição de Anatomia do Dr. Tulp”. Hoje exposto no museu Mauritshuis, em Haia, é o quadro de tema médico mais famoso do mundo.

Ao pintar “As meninas”, no qual são retratadas anãs acondroplásicas, Diego Velázquez passou a ser o pintor maior do Barroco espanhol. Nicolas Poussin, Claude Lorrain e La Tour são os marcos da Era de Versalhes ou Barroco francês. Georges de La Tour (“Natividade” e “José Carpinteiro”) se caracterizou por pintar contrastes de claro-escuro sob a chama de vela.

A era do Romantismo (1800-1850) gravou para a posteridade os nomes dos ingleses Constable e Turner e dos franceses David, Ingres, Delacroix e Camille Corot. Foi contudo na Espanha onde o Romantismo tornou-se inesquecível através de Goya e sua Maja (a duquesa de Alba) desnuda. Francisco Goya pintava o branco usando o pigmento alvaiade, rico em chumbo. Intoxicado com este metal (saturnismo é a doença) foi tratado por Dr. Arrieta. Como demonstração de gratidão ao seu médico, o pintou no quadro “Auto retrato de Goya com Dr. Arrieta”.

Rodin, Coubert, Homer e Eakins são marcas registradas do Realismo (1850-1890). Auguste Rodin esculpiu obras primas como “O pensador” e “O beijo”. Na verdade existem três beijos famosos em arte: o de Rodin, em majestosa escultura de mármore branco, o de Klimt e o beijo de Judas, em um monumental afresco de Giotto de Bondone.

Thomas Eakins tornou-se um renomado pintor de cenas retratando aulas de Medicina. Ao pintar “A clínica Agnew” e “A clínica Gros” tornou indelével seu nome na História da Arte e da Medicina dos Estados Unidos.

Um movimento que frequentemente agrada os iniciantes no tema é o dos Impressionistas (1860-1886), tendo a frente Manet, Monet, Renoir e Degas. Destes, o grande destaque foi Auguste Renoir. Ao pintar “O almoço dos remadores”, não sabia ele que estava retratando aquela que mais tarde seria a sua mulher, a jovem Aline Charigot. Aline posteriormente foi modelo para um dos famosos nus pintados por Renoir.

Com o declínio do Impressionismo surgem os pintores pós-impressionistas (1880-1905): Seurat com sua inconfundível pintura pontilhada, Cézanne que tornou-se expert em pintar naturezas mortas, Gauguin com suas pinturas taitianas e Vincent van Gogh. O pintor dos vários quadros intitulados Girassóis teve uma vida mental completamente instável. Em um dos momentos de crise emocional decepcionou o lóbulo de sua orelha direita (“Auto-retrato com orelha enfaixada”). Foi tratado por seu amigo dr. Gachet, o qual foi por ele posteriormente pintado (“Retrato do dr. Gachet”). Van Gogh encerrou sua vida atormentada ao disparar um tiro contra seu próprio peito.

Klimt, e o norueguês Munch são artistas classificados como expressionistas (1890-1908). Deles, Edvard Munch foi o grande destaque com seu quadro “O grito”. Na verdade trata-se do seu auto-retrato, sobre uma ponte, criado sob o efeito excitante de um intenso pôr do sol laranja.

O Fauvismo (1904-1908), de Matisse e Emil Nolde, foram tão passageiros quanto o Dadaísmo (1916-1923) de Duchamp.

Na verdade, nada é tão oportuno e marcante para concluir um trabalho sobre arte, direcionado para educadores físicos, quanto falar sobre o Cubismo (1908-1914) e o Surrealismo (1925-1936).

Apesar de termos tido quatro grandes cubistas, nas pessoas de Braque, Mondrian, Chagal e Picasso, foi este último quem tornou o Cubismo conhecido mundialmente. Embora Pablo Picasso tenha obras primas criadas nas suas fases azul e rosa (arlequins), sua marca registrada mesmo é “As senhoritas de Avignon”.

Miró, Max Ernst, René Magritte e Salvador Dalí foram os grandes impressionistas do século XX. Salvador Dalí, um gênio que dispensa apresentação por ser justamente um gênio, pintou, dentre outros quadros, o mundialmente conhecido “A persistência da memória”, um amontoado de graciosos relógios que se derretem sob nossos incrédulos olhos.

Arte é assim. É como paixão. Não há explicação porque se gosta de uma pintura. Apenas se gosta.

O presente estudo, fundamentado principalmente nos trabalhos de JANSON & JANSON (1996) e de STRICKLAND (1999), dá seguimento as nossas pesquisas (BEZERRA & BEZERRA, 1981; BEZERRA *et al.* 1981; BEZERRA *et al.* 1988(a); BEZERRA *et al.* 1988(b); BEZERRA *et al.* 1991(a); BEZERRA *et al.* 1991(b)) sobre os mais variados aspectos da arte relacionados com as ciências da saúde.

Referências bibliográficas

1. BEZERRA, A.J.C.; BEZERRA, V.L.V.A.: Cíclopes – Mito ou realidade? *J. Ped.* 50(4): 141-143, 1981
2. BEZERRA, A.J.C.; BEZERRA, V.L.V.A.; ARAÚJO, A.O.V.: Sereias – Mito ou realidade? *F.méd.* 82(6): 637-640, 1981
3. BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PRATES, J.C.: As aulas de Anatomia – Uma visão artística. *An. Anat. Nor.* 6: 221-227, 1988(a)
4. BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PRATES, J.C.: As aulas de Anatomia dos Professores Tulp e Deyman, segundo Rembrandt. *An. Anat. Nor.* 6: 228-230, 1988(b)
5. BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PIVA-JÚNIOR, L.: Terminos anatomicos en la Ilíada de Homero. *Rev. Chil. Anat.* 9(1): 73-77, 1991(a)
6. BEZERRA, A.J.C.; DIDIO, L.J.A.; PIVA-JÚNIOR, L.: Dissection of Rembrandts Anatomy of Dr. Nicolaas Tulp. *Arch. Ital. Anat. Embriol.* 96(2): 153-164, 1991(b)
7. JANSON, H.W.; JANSON, A.E.: *Iniciação a História da Arte*. São Paulo, Martins Fontes Editora, 1996.
8. STRICKLAND, C.: *Arte comentada – Da Pré-História ao Pós-Moderno*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.